

## **Instrumentos de Avaliação: quando usar, como usar e por quê?**

*Luci Hildenbrand (FaEL/UNIG – NUTE/PROEG)*

*Carlos Alberto Sequeira (FaEL/UNIG)*

*Sérgio Eduardo M. Pereira (FaEL/UNIG)*

O trabalho segue e, de repente, parece que tudo pára. Na semana que antecede as avaliações bimestrais, muitos dos alunos escapam da Universidade. Se nesta ocasião, alguns dos presentes mostram-se distantes do contexto pedagógico, lendo outros textos, atualizando anotações, juntando xerox das aulas perdidas, marcando horários para estudo de grupo, dentre tantos afazeres mais, poucos atêm-se à prática docente. A maior parte deles dedica-se ao estudo dos conteúdos ministrados visando obter êxito nas provas que se anunciam.

A idéia que fica é a de que somente avaliamos a aprendizagem de nossos alunos nos períodos assinalados pelo calendário escolar, institucional, o que não negam desconhecer. O quando avaliar – isto é, o momento do processo de ensino-aprendizagem no qual acontece a avaliação – mostra-se, desta forma, como sendo algo pontual. É como se houvesse um tempo pré-determinado para ensinar, outro tempo destinado ao aprender e um terceiro tempo comprometido com o avaliar aquilo que se aprendeu ou que se reteve a partir do universo ensinado. Como se vê, é uma percepção bastante fragmentada, distorcida e apartada daquilo que, minimamente, poderia parecer plausível.

A vida humana não é um conjunto de recortes. Pôr-se no mundo, como sujeito, é pôr-se de modo inteiro, único. Indiscutivelmente, no correr do dia, vivemos distintos papéis sociais e, no exercício de qualquer função, não deixamos de nos colocar de forma plena.

O homem que é pai num instante, confidente num outro, especialista em sua ocupação, não deixa de ser um ser inteiro, qualquer que seja o seu papel. A aparente fragmentação que sofre decorre do fendilhamento do olhar humano sobre o homem que se vê, atribuindo hegemonia a um fazer ou a sua condição de ser em dado momento ou situação. Então, pensar o pai, o trabalhador, o cidadão comum, o amigo, o *gentleman*, o anfitrião não é pensar na vivência deste ou daquele papel; é pensar no homem enquanto um ser total, integral. Admiti-lo apenas em sua parcialidade é vê-lo com distorção, com desatenção, com impropriedade. Nenhum homem é isto nem o será. A percepção tida, em decorrência, é apenas produto de um olhar enviesado, que não deixa de se impor como um ponto de vista. E, como lembra Leonardo Boff, cada ponto de vista é a vista de um ponto – lembrança que sublinha a probabilidade de distorções.

Defender a idéia de que se avalia enquanto se ensina, do mesmo modo que se ensina enquanto se avalia é ponto de vista que nos parece minimamente razoável. Se tomarmos a primeira parte do segmento frasal (avalia-se enquanto se ensina) para estudo, veremos que ensino e aprendizagem não são processos ou instâncias dissociadas, desatreladas, desconectadas, o que não implica serem necessariamente conseqüentes.

As expressões faciais e posturais dos agentes comunicativos (alunos e professores) são elementos indicativos da relação que eles mesmos têm com o conteúdo exposto, com o grupo que formam, com a disciplina que experienciam em uma dada formação. Outras evidências

que podem ser consideradas, neste sentido, são as comunicações orais e escritas, feitas pelos docentes e discentes, a exemplo dos bilhetes que circulam pela sala de aula, muitas vezes, sem que o professor venha perceber. Do mesmo modo, a qualidade do trabalho acadêmico, produzido dentro ou fora do espaço da sala de aula, e o compromisso do docente em relação à correção da manifestação da aprendizagem são, também, possíveis critérios de igual valia. Assim, não seria difícil enumerar situações que reiterassem a asserção, a fim de mostrar que nós, professores, podemos acompanhar, todo o tempo, o progresso individual de nossos alunos. Se não o fazemos é porque não queremos, e isto é, sem dúvida, uma possível opção.

Quanto ao outro segmento da frase que diz “ensina-se enquanto se avalia”, poderíamos associar aspecto subjacente à questão-título deste artigo e, assim, indagar: para que avaliar? Em nosso ponto de vista, a resposta é inconteste e singular: para se saber, com máxima clareza, o que nossos alunos já dominam, o que não dominam e que caminhos percorrem para a assunção deste domínio. Seguindo a reflexão, poderíamos perguntar: e de que importância está revestido este saber? A resposta surge naturalmente: porque somente a partir dele é que poderemos redirecionar o trabalho didático-pedagógico realizado. A afirmação traz à lembrança uma série de idéias inter-relacionadas, que nos parecem elementares e evidentes: só há sentido em ensinar, se há alguém para aprender; se, na sala de aula, todos os presentes estão dispostos à aprendizagem, ela, necessariamente, precisa acontecer. O ensino é, no caso, processo mediador dela e, por esta razão, deve estar sujeito a toda sorte de modificações consideradas necessárias para que seja viabilizada a sua função. Reiterando: ensino sem aprendizagem não é ensino; é certamente qualquer coisa que precisa ser renomeada.

Mas, neste contexto, cabe perguntar: como usar os instrumentos construídos para avaliar a aprendizagem, de maneira que eles também desempenhem seu papel no contexto da avaliação escolar?

Do modo mais objetivo possível, diríamos: da maneira mais pertinente para que, sem desvirtuamentos, destinem-se ao fim para o qual foram concebidos, isto é, o de levantar dados relevantes para as possíveis tomadas de decisão que ocorrerão *a posteriori*.

Se os agentes comunicativos, sobretudo professores, tiverem plena convicção de que os modos de uso dos instrumentos podem afetar os resultados da aprendizagem, naturalmente hão de assumir um novo modo de proceder a avaliação; hão de apresentar as provas, por exemplo, a seus alunos de forma clara, modulando, inclusive, o tom da voz; hão de lidar com os alunos com a nobreza e com a grandiosidade de quem se propõe educador. Assim, se a serenidade, o equilíbrio, a sensatez e o respeito pelo outro prevalecerem no percurso das avaliações, dando norte ao modo pelo qual os instrumentos serão apropriados pelos pares comunicativos, não haverá dúvidas de que a nova postura docente - resultante de um olhar fletido a partir de outro ponto de vista - favorecerá os propósitos do ensino e a efetiva promoção da aprendizagem almejada por professores e alunos.